



## HISTÓRIA E IDEOLOGIA DO SIONISMO NA FORMAÇÃO DE ISRAEL (1948)

## HISTORY AND IDEOLOGY OF ZIONISM IN THE FORMATION OF ISRAEL (1948)

João Alberto da Costa Pinto\*

Universidade Federal de Goiás – UFG

 <https://orcid.org/0000-0002-2493-4567>

[joaoacpinto@ufg.br](mailto:joaoacpinto@ufg.br)

**RESUMO:** O artigo propõe uma breve apresentação de alguns dos fundamentos histórico-ideológicos na organização política do movimento judaico-sionista no final do século XIX na Europa e que levou à fundação do Estado de Israel na ocupação chancelada pela ONU do território árabe-palestino no ano de 1948. Apresento o percurso ideológico do sionismo junto às trajetórias de Theodor Herzl, Vladimir Jabotinsky e Menachem Begin. Dessas trajetórias descrevo as conexões do sionismo com o imperialismo britânico e com o fascismo italiano junto ao governo de Benito Mussolini e com o nazismo junto ao governo de Adolf Hitler. O artigo defende a tese de que o sionismo em todas as suas variáveis nos governos de Israel de 1948 de Ben Gurion ao atual governo de Benjamin Netanyahu sempre foi uma marca institucional fascista contra a população árabe-palestina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estado de Israel em 1948; história do sionismo; limpeza racial na Palestina.

**ABSTRACT:** The article offers a concise overview of the historical and ideological foundations shaping the political landscape of the Jewish-Zionist movement in late 19th-century Europe, culminating in the establishment of the State of Israel through the UN-sanctioned occupation of Arab-Palestinian territory in 1948. It traces the ideological evolution of Zionism, entwining it with the trajectories of influential figures like Theodor Herzl, Vladimir Jabotinsky, and Menachem Begin. These trajectories elucidate the intricate connections between Zionism, British imperialism, Italian fascism under Benito Mussolini's regime, and Nazism during Adolf Hitler's governance. The article asserts the thesis that across various manifestations, from the 1948 Israeli governments under Ben Gurion to the current administration led by Benjamin Netanyahu, Zionism has consistently embodied an institutional fascist stance against the Arab-Palestinian population.

**KEYWORDS:** State of Israel 1948; history of Zionism; racial cleansing in Palestine.

---

\* Doutor em História (Universidade Federal Fluminense) e professor da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Desenvolvo neste artigo uma breve descrição de alguns dos fundamentos ideológicos que historicamente vêm mobilizando as práticas governamentais do sionismo político do atual governo de Israel contra a população árabe palestina, especialmente contra aqueles que em Gaza são massacrados em mais uma das carnificinas que o Estado de Israel vem impondo àquela população desde o ano de 1948. Gaza abriga em 365 km<sup>2</sup> mais de dois milhões de palestinos, tem sido nos últimos anos a maior prisão a céu aberto do mundo e atualmente com a guerra em curso também é o maior cemitério de cadáveres insepultos do mundo contemporâneo. Falar do sionismo na formação de Israel é falar do permanente extermínio, do permanente genocídio que os governos de Israel vêm realizando há décadas contra a população árabe-palestina.

Em dados do Banco Mundial de 2022 Israel está em 14º lugar no ranking mundial do PIB per capita, à frente da Alemanha, da Inglaterra e da França. O PIB per capita de Israel em 2022 foi de 54.724 dólares. No mesmo ano o PIB per capita nos territórios da Faixa de Gaza e da Cisjordânia foi de modestos 3.095 dólares, um dos mais baixos do mundo. A proporção comparada é que a riqueza per capita de Israel é no mínimo 17 vezes maior que a de Gaza / Cisjordânia. A taxa de desemprego da população economicamente ativa em Gaza no ano de 2021 foi de espantosos 47% (RIBEIRO, 2023). Israel tem uma extensão territorial de 21.500 km<sup>2</sup> com 9,5 milhões de habitantes, cerca de 7 milhões de israelenses e 2,2 milhões de árabes-palestinos, cuja imensa maioria atualmente está sendo trucidada por Israel na Faixa de Gaza que em proporção territorial comparada corresponde a cerca de 2% do território original palestino (PAPPE, 2022, p. 205). Estes dados no seu simples enunciado descrevem um brutal regime de apartheid do Estado de Israel contra os palestinos.

Na década de 1920 a Palestina tinha 1,6 milhão de árabes e apenas 60 mil judeus. Com a fundação de Israel em 1948, autorizada pela ONU, a Palestina árabe perdeu quase 60% do seu território inicial e os árabes que ali estavam há séculos viram-se confinados a dois territórios desconectados entre si no interior do país sionista recém-fundado: Gaza e Cisjordânia. Cerca de 750 mil árabes foram expulsos das suas casas e terras em poucos meses logo após a fundação do Estado Sionista, uma devastação social como poucas vezes vista e que ficou conhecida por *Nakba*<sup>1</sup> (MASALHA, 1992, p. 175; GELVIN, 2017, p.156). Em poucas décadas e com todo apoio e logística do capitalismo mundial, em especial dos EUA, Israel transformou-se numa cunha territorial encravada

---

<sup>1</sup> Nakba é uma palavra árabe que significa *catástrofe, destruição*.

no mundo panarabista do Sudoeste Asiático. Em poucas décadas nasceu ali uma potência nuclear que nos conflitos atuais tem no seu corpo tecnocrático gestores-sionistas que têm a desfaçatez de sugerir o uso de bombas nucleares contra a população civil de Gaza<sup>2</sup>. Atualmente o território da Cisjordânia está em grande parte ocupado por colonos israelenses e a Faixa de Gaza transformou-se num grande depósito de árabes exilados de si mesmos.

Na Faixa de Gaza residem (residiam) “os antigos moradores de 247 vilarejos do sul da Palestina, expulsos em 1948, [que foram] encerrados nessa pequena faixa [que tem hoje] a maior densidade populacional do planeta”, em termos comparados seria “como se a população de toda a Palestina de 1948 tivesse sido espremida para dentro de Gaza, encerrados, murados, isolados do mundo e sem direito a usufruir sequer dos recursos marítimos” de um “litoral rico em pesca” (CLEMESH, 2009). Israel invadir Gaza sob a alegação de que se “defende” do recente ataque do Hamas (Movimento de Resistência Islâmica), o partido mulçumano que controla Gaza desde 2007, diante destes dados, parece-nos quase que um pretexto necessário para acabar de uma vez por todas com a presença árabe-palestina na região.

A Faixa de Gaza ocupada militarmente por Israel é o triunfo sionista na Palestina. Diante da guerra em curso, Gaza tornou-se uma colossal montanha de escombros e em meio às ruínas os palestinos lutam por suas vidas e pela sua história. Franz Kafka, que era judeu e um grande escritor do Século XX com muito a dizer para o nosso tempo, tem um célebre conto de título - *A construção* - no qual descreve um bicho, talvez um texugo, criando labirintos de defesa à volta da sua toca para torna-la inexpugnável a qualquer outro bicho invasor. Como um profeta (ateu), Franz Kafka (1984) escreveu uma parábola premonitória do que acontece atualmente em Gaza: um texugo - o sionismo do Estado de Israel - vem há décadas construindo uma “toca” para os judeus do mundo em meio a um labirinto de populações árabes-muçulmanas; e tal como o texugo kafkiano pensa que ficará absolutamente seguro, mas muito em breve começará a ouvir ruídos oriundos das entranhas da terra e o texugo sionista tal como o texugo de Kafka enlouquecerá aprisionado na sua toca com esses ruídos que lhe chegam abaixo de si. Talvez sejam os ruídos dos túneis do Hamas em Gaza que para derrotar o texugo-sionista terão que estar em luta conjuntamente com aqueles outros “túneis”

<sup>2</sup> Amichai Eliyahu, ministro do Governo de Benjamin Netanyahu, manifestou opinião em defesa do uso de bomba nuclear em Gaza. Consultar: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/05/bomba-nuclear-ministro-israelense-e-suspenso-por-netanyahu-apos-sugerir-detonacao-de-artefato-em-gaza.ghtml>

oriundos de todos os lugares do mundo em permanente protesto contra a máquina de matar do Estado Sionista de Israel.

## ORIGENS E PERCURSOS IDEOLÓGICOS DO SIONISMO

Os sionistas sempre estiveram no poder em Israel, tanto os sionistas de esquerda como Ben Gurion e ou Golda Meir como os sionistas de direita como Menachem Begin, Ariel Sharon e agora Benjamin Netanyahu. Historicamente esses governos sempre se mobilizaram desde 1948, na origem de Israel como país independente, com o projeto de expulsão e genocídio da população árabe-palestina. A *Nakba*, o desastre, a catástrofe, a devastação, inaugurada em 1948 pelo governo de Ben Gurion é um processo ainda não concluído. Os governos sionistas de Israel foram mobilizados em luta contra os árabes palestinos. O movimento sionista originado em fins do Século XIX construiu uma das grandes farsas políticas do mundo moderno e em consequência disso soube organizar uma formidável máquina estatal que não hesita em eliminar tudo o que se oponha a Israel para preservar as conquistas judaicas da *Terra Prometida*. O sionismo envolvia frações bastantes reduzidas dos interesses da comunidade judaica internacional que se manifestava majoritariamente em práticas assimilacionistas junto às comunidades nacionais a que estavam envolvidas.

A noção de uma Palestina transformada em Estado de Israel inicialmente estabeleceu-se da conexão ideológica de alguns intelectuais judeus com o colonialismo britânico e posteriormente com os fascismos alemão e italiano. Na última década do Século XIX a tese de uma Terra de Israel para os judeus, esse povo sem pátria que vagava pelo mundo, moldava a política radical sionista. Ilan Pappé, historiador israelense, no importante livro - *Dez mitos sobre Israel*, afirma que o sionismo é um produto histórico diretamente ligado ao projeto colonialista britânico no Oriente Médio (PAPPE, 2022, p. 48). A *Declaração de Balfour* de 2 de novembro de 1917 teria sido o emblema maior da conexão dos sionistas com os britânicos. A Declaração Balfour foi uma carta de 2 de novembro de 1917 elaborada pelo secretário britânico dos Assuntos Estrangeiros, Arthur James Balfour e encaminhada ao barão Lionel Walter Rothschild, o líder da comunidade judaica do Reino Unido, para que fosse transmitida à Federação Sionista da Grã-Bretanha. A carta de apenas dois parágrafos anunciava a intenção do governo britânico em facilitar o estabelecimento do *Lar Nacional Judeu* na Palestina, caso a Inglaterra conseguisse derrotar o Império Otomano, que, até então, dominava aquela

região (PAPPE, 2007, p. 98-100; GELVIN, 2017, p. 106-107; MASALHA, 1992, p. 14-16 e 111). O Império Otomano caiu em 1918 e os ingleses assumiram a região em 1920 como Mandato Britânico da Palestina sob a chancela da Liga das Nações. Promessa feita, promessa cumprida: os ingleses organizaram nos anos seguintes uma administração colonial francamente favorável ao projeto judeu sionista.

## THEODOR HERZL E O ESTADO JUDEU SIONISTA

A instituição mais importante na organização internacional do sionismo em fins do Século XIX foi fundada por Theodor Herzl num congresso na Basileia, Suíça, em 1897. O nacionalismo sionista em torno de um Estado Nacional, conforme o “Programa da Basileia” tomou corpo nesse congresso e estruturou a Organização Sionista Mundial. O sionismo nascia como uma dissidência na cultura política judaica mundial, pois a tese predominante entre as comunidades judaicas era a de servir com devoção o país a que elas pertenciam e promover os interesses do país com “sinceridade e vigor” (GELVIN, 2017, p. 75), as comunidades rabínicas em geral defendiam a assimilação e não um Estado Nacional para os judeus. Theodor Herzl que foi um dos ideólogos fundamentais do sionismo, mundialmente conhecido como autor do livro clássico – *O Estado Judeu* (1896), escreveu em seu diário no dia 12 de junho de 1895 o seguinte sobre as populações árabes da Palestina: “devemos desapropriar gentilmente”; “Devemos motivar a população a cruzar a fronteira, procurando emprego para eles nos países vizinhos e negando trabalho no nosso país”, e ainda: “tanto a desapropriação quanto a remoção dos pobres deve ser feita de maneira discreta e circunspecta” (GELVIN, 2017, p. 168). Enfim, na perspectiva de Herzl a construção de um estado judaico na Palestina não indicava (ainda) as soluções drásticas da política genocida adotada décadas mais tarde, contudo, note o leitor o uso dos termos: “desapropriar gentilmente”, “negando trabalho” e a “remoção dos pobres” feita discretamente, é de se concluir que futuro da tragédia palestina já estava anunciado nessas palavras.

### “O SIONISMO É PURO NAZISMO!”

Nas décadas de 1930 e 1940 definiram-se importantes alterações no projeto político sionista para a Palestina. Os sionistas consorciaram-se com o nazismo alemão e o fascismo italiano, com Hitler e Mussolini pela conquista da Palestina. O símbolo da

guinada do sionismo como sócio dos fascismos deu-se em agosto de 1933, quando a convite das lideranças sionistas o barão Mildestein, o nazista do Serviço de Inteligência da *SS*, especialista responsável pelos assuntos da política racial nazista com os judeus, esteve em visita à cidade de Tel Aviv. Essa visita do burocrata nazista à Palestina foi marcada e celebrada com a cunhagem de uma moeda em que se vê a Estrela de Davi numa face e a cruz Suástica na outra<sup>3</sup>. Ilan Pappé afirma que a cidade de Tel Aviv foi fundada em julho de 1907 por sessenta e seis sionistas, os primeiros colonos na Palestina financiados pelo barão Walter Rothschild. A cidade passaria a ser uma antítese da vida comunitária dos colonos rurais organizados nos *kibbutz* (PAPPE, 2007, p. 84-85). Adolf Eichmann que foi um dos principais encarregados pela logística da emigração (conjuntamente com os sionistas) de judeus para Israel também foi convidado em 1936 pelos judeus sionistas a visitar a cidade de Haifa, na Palestina. Dessa vez, no entanto, as autoridades britânicas o impediram de entrar e o encontro com os sionistas foi realizado no Egito, na cidade do Cairo. João Bernardo (2003, p. 715-716) afirma que Eichmann era um admirador de Theodor Herzl, e que anos depois, após o fim da Segunda Guerra Mundial pode, enfim, estar em Israel, mas para ser julgado e enforcado pelos crimes de guerra que cometeu.

Estudos historiográficos clássicos como os de Nur Masalha (1992), o historiador palestino que melhor descreveu a tragédia da Nakba, os de Shlomo Sand (2011) e de Ilan Pappé (2007, 2008 e 2022), célebres historiadores judeus pelo seu posicionamento político contra o sionismo do Estado de Israel, conjuntamente com os trabalhos de James Gelvin (2017) e os de João Bernardo (2003 e 2010), reiteram que a imensa maioria da população judaica na Europa, nos EUA ou em qualquer outro lugar do mundo, quando das origens do sionismo organizava-se em práticas de assimilação social junto aos universos nacionais em que viviam há gerações. No final do Século XIX a União Trabalhista Judaica (Bund), uma organização socialista, defendia a assimilação dos judeus às culturas nacionais a que estavam envolvidos. O sionismo nasceu como posição antípoda aos judeus socialistas do Bund por entender que a assimilação do judeu seria uma traição extrema às suas origens históricas. Os sionistas em pouco tempo tornaram-se inimigos das comunidades judaicas que há gerações viviam na Rússia, no Império Austro-húngaro, na Polónia e na Alemanha. A política sectária do sionismo tornou-se uma afronta aos judeus na Alemanha. Shlomo Sand diz que ao final da Primeira Guerra

<sup>3</sup> A imagem dessa medalha compõe a capa do artigo de João Bernardo (2010) e pode ser vista neste link: <https://passapalavra.info/2010/06/24723/>

Mundial apenas 2% dos judeus alemães eram sionistas e que na França esse número era ainda mais reduzido (SAND, 2011). E mais, na década de 1930, os sionistas alemães passaram a apoiar o projeto político nazista. Milícias sionistas como as que compunham o grupo Betar, em 1936, trabalhavam ativamente com a Gestapo e eram os sionistas quem denunciavam os judeus assimilados aos nazistas. Muito antes do Estado alemão exigir o uso da estrela de David costurada às roupas, já no começo da década de 1930 os sionistas sugeriam esse uso para melhor identificação dos judeus (BERNARDO, 2003 e 2010). Na Alemanha da década de 1930, a Associação Central dos Cidadãos Alemães de Confissão Judaica (note o leitor o detalhe fundamental no nome da organização: “cidadãos alemães”) era alvo de ataques sistemáticos da Organização Sionista Alemã.

Os escritos de Victor Klemperer (um judeu polonês casado com uma *ariana* alemã, Eva Klemperer, uma pianista de destaque), nas suas memórias, diários pessoais e ensaios de análise da linguagem do Terceiro Reich provam o quanto os sionistas eram uma excrescência política para a comunidade judaica alemã. Klemperer escreveu em 1936 que o projeto sionista de uma Palestina judaica impunha um destino às populações árabes igual ao dos indígenas norte-americanos, isto é, extermínio, ocupação de terras e confinamento em reservas. Klemperer não hesitou em afirmar: “o sionismo é puro nazismo!” (BERNARDO, 2010). Victor Klemperer mesmo casado com uma alemã egressa das classes dominantes viu-se em situações as mais excruciantes sob o regime nazista, não perdeu a vida num campo de concentração, mas teve que trabalhar quase como um escravo em serviços pesados numa fábrica e também na limpeza nas ruas de Dresden. Antes do início da Segunda Guerra Mundial, Klemperer escreveu que só havia uma “única solução para a questão judaica na Alemanha e na Europa Ocidental: a derrota daqueles que a inventaram, a causa sionista, tanto a pura como a religiosa que interessa apenas a fanáticos e não diz respeito à maioria”. E já em meio aos horrores da guerra, em dezembro de 1941, Klemperer escreveu no seu diário: “Hitler é o mais importante promotor do sionismo” (BERNARDO, 2010).

A filósofa Hannah Arendt destacou que durante a guerra uma das atividades dos sionistas era a de escolher nos campos de concentração quais judeus iriam para a Palestina, escolhiam os jovens em melhores condições físicas. Com esse propósito, o da ida para a Palestina sionista, os alemães montaram algumas fazendas onde esses “candidatos à emigração” aprendiam técnicas agrícolas modernas para usarem depois nas terras dos árabes. Desde 1933 havia um acordo de cooperação sionista-nazista – o Ha'avara (Transferência), um acordo dos sionistas com o Ministério dos Negócios

Estrangeiros do governo nazista que sumariamente se resumia ao seguinte: o judeu alemão interessado em emigrar para a Palestina deveria depositar em banco alemão a quantia que lhe era possível, em vários anos o equivalente a algumas centenas de milhares de dólares foram depositados e usados no desenvolvimento econômico da Palestina judaica que naquela altura ainda estava sob domínio britânico (BERNARDO, 2003 e 2010). As conexões com o fascismo italiano também foram de máxima importância para a organização do projeto do Lar Judaico na Palestina. João Bernardo (2010) reitera que Chaim Weizman quando na presidência da Organização Sionista Mundial (que se tornaria em 1948 o primeiro presidente de Israel) tentou convencer Mussolini a apoiar a causa da Palestina Sionista. Foram vários encontros ao longo da década de 1920, Mussolini relutava em dar-lhe apoio por acreditar que a política sionista era um instrumento dos ingleses para o Oriente Médio. Em 1934 viu-se convencido do projeto e passou a apoiar a criação do Estado Judeu da Palestina. Em conexão com Mussolini grupos terroristas sionistas passaram a atuar contra instalações britânicas na Palestina.

### O SIONISMO-FASCISTA DE VLADIMIR JABOTINSKY

O sionismo europeu na década de 1920 produziu um importante personagem: Vladimir Jabotinsky, um filósofo e escritor ucraniano de Odessa que foi um sionista-fascista dos mais importantes. Mundialmente conhecido como o ideólogo dos “muros de ferro” (“iron wall”) ou “paredes de ferro de baionetas”, a técnica de controle territorial de encarceramento das populações árabes na Palestina ocupada pelo sionismo (MASALHA, 1992, p. 28-29). Organizou em 1923, na Letônia, a Liga de Trumpeldor, mais conhecida como o grupo miliciano Betar. O grupo de jovens do Betar incorporou o aparato dos grupos fascistas que apareciam na Europa naquele momento: “uniformes, ensinamentos e um fervoroso e puro nacionalismo” (MASALHA, 1992, p. 24-25; GELVIN, 2017, p. 95). Jabotinsky fazia oposição à liderança sionista moderada de Chaim Weizman e liderava o grupo dos “revisonistas” que eram efetivamente fascistas radicais. Os “revisonistas” (União dos Sionistas-Revisonistas) definiu-se como o partido sionista de Jabotinsky fundado em 1925 e que tinha como um dos seus objetivos políticos centrais o estabelecimento de um Estado judaico em todo o território da Palestina com mandato e controle territorial em ambos os lados do rio Jordão (MASALHA, 1992, p. 213). O Betar tornou-se famoso por sua ação miliciano em atacar e espancar sindicalistas e socialistas do Bund. As milícias do Betar atuaram em vários países, em especial na

Alemanha, na Itália e na Polônia. As práticas do Betar de Jabotinsky junto aos fascismos europeus repetiram-se também na Palestina atacando árabes e instalações britânicas, a tal ponto que os britânicos proibiram a presença de Jabotinsky naquela região. Foi das milícias do Betar que nasceu o Irgun, a Organização Nacional Militar na Terra de Israel, que junto com o Haganá, outro grupo miliciano que também se mobilizava nos atentados a instalações árabes e britânicas se tornou depois a base das Forças de Defesa de Israel, o exército nacional criado em 1948 (MASALHA, 1992, p. 212). Na Palestina, os milicianos sionistas do Irgun cometeram “algumas das mais terríveis atrocidades terroristas da Palestina moderna”, entre elas “o massacre indiscriminado que assassinou cerca de 250 inocentes em 1948” no vilarejo palestino de Deir Yassin (GELVIN, 2017, p. 95). Ilan Pappé (2008, p. 131) diz que as lideranças sionistas anunciavam com orgulho os acontecimentos em Deir Yassin como um contundente exemplo de advertência a todos os palestinos do que lhes aconteceria caso se recusassem a sair de suas casas. Comentando o êxodo, Chaim Weizmann, na condição de primeiro presidente do Estado de Israel, declarou que a evacuação árabe tinha sido “*uma limpeza milagrosa da terra: a simplificação milagrosa da tarefa de Israel*” (MASALHA, 1992, p. 175).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Betar, o Irgun e o Haganá, sob as lideranças de Jabotinsky e de Avraham Stern, outro judeu sionista fascista radical, adepto de Mussolini e com posições anti-britânicas na Palestina, atacaram os ingleses, seus antigos aliados, propondo uma aliança com Hitler para serem os avatares do expansionismo nazista na Segunda Guerra no Oriente Médio (BERNARDO, 2010; FINKELSTEIN, 2005 e SAND, 2011). Entre outras práticas terroristas sugeridas por Jabotinsky junto às milícias do Irgun estava a de colocarem bombas em feiras e mercados em Haifa e Jerusalém para atingirem as populações árabes palestinas (MASALHA, 1992, p. 30). Em 1946 as milícias do Irgun/Haganá promoveram um atentado terrorista que ficou famoso pela repercussão mundial que teve, o ataque ao Hotel King David (uma base administrativa do comando britânico em Jerusalém) que matou 91 pessoas (árabes e britânicos). O Irgun é o precursor do Mossad, a mais importante Agência de Inteligência de Israel e uma das mais eficientes instituições de operações de espionagem do mundo. Uma curiosidade: o Betar ainda existe. No ano do seu centenário (2023) apresenta-se

como uma rede internacional para educação de jovens sionistas, no site brasileiro pode-se ler esta frase: “A primeira palavra que deve ser associada com o Betar é *educação*”<sup>4</sup>.

A trajetória de outro célebre político sionista deve ser mencionada, a do primeiro chefe do partido Likud (o atual partido que governa Israel), Menachem Beguin, um fervoroso adepto das propostas de Jabotinsky. Menachem Beguin foi Primeiro-Ministro de Israel (de 1977 a 1983) e ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1977 por causa de um acordo de paz com Anwar Sadat, presidente do Egito. Em 1943 o futuro prêmio Nobel da Paz comandava as milícias do Betar na Polônia ao lado dos nazistas quando a *Solução Final* dos fornos crematórios já estava funcionando em escala industrial (BERNARDO, 2003, p. 724).

Menachem Beguin fundou e organizou em 1948 o Partido da Liberdade, sobre esse acontecimento e contra a violência dos atos terroristas do Irgun/Haganá, importantes intelectuais judeus de renome mundial, entre eles Albert Einstein e Hannah Arendt, publicaram uma carta no jornal *The New York Times* (em 4 de dezembro de 1948), e nela afirmaram que “um dos mais perturbadores fenômenos políticos do nosso tempo é o aparecimento do Partido da Liberdade no recém-criado Estado de Israel”, isso porque era “um partido com um parentesco muito estreito com os partidos nazifascistas formado por membros e seguidores do Irgun, uma organização terrorista de direita e xenófoba” (BERNARDO, 2010). Assim era percebido o nascimento de Israel sob o comando político do sionismo e assim se mantém aos olhos do mundo.

## AVATARES DO RACISMO SIONISTA

A aventura político-ideológica do sionismo resulta de um movimento de ideias nacionalista que deitava raízes por todo lugar no fim do Século XIX. Shlomo Sand (2011) apresenta-nos como o sionismo construiu a tese da Palestina ser a Terra de Israel para todos os judeus do mundo. Para um povo sem terra uma terra sem povo, assim diziam e dizem os sionistas, justificando o injustificável, pois como afirma Sand, não havia e não há nada que justifique Israel na Palestina árabe.

A Palestina árabe-muçulmana (consolidada como tal pelo Profeta Maomé a partir do Século VII D.C.) esteve sob ocupação colonial do Império Otomano por 400

---

<sup>4</sup> No site brasileiro do Betar o leitor, além do registro centenário da instituição, também pode encontrar a atual posição do movimento e suas justificativas contra o Hamas na guerra contra Israel. Ver em: <https://www.betar.com.br/>

anos, de 1517 a 1917. De 1918 a 1948 foi controlada pelo Império Britânico. O Estado de Israel foi fundado em 15 de maio de 1948. O ódio dos judeus-sionistas aos árabes-palestinos foi precedido por décadas de ódio dos britânicos aos árabes em geral. A Palestina era dos árabes havia centenas de anos, por mais de mil anos triunfara na região a cultura religiosa árabe-muçulmana. Shlomo Sand ao descrever a presença árabe na Palestina afirma que no Século VII “um dos segredos da força do exército muçulmano residia em suas atitudes ‘liberais’ e sua moderação em relação às crenças dos povos dominados”, as regras de Maomé, afirma Sand “reconheciam os judeus e os cristãos como os ‘povos do Livro’ e lhes concedia um estatuto protegido reconhecido pela lei”. E mais, numa carta dirigida aos seus chefes militares, Maomé afirmava que:

“Todo convertido ao islã, quer seja judeu ou cristão, deve ser aceito como fiel – tanto seus direitos quanto seus deveres são iguais aos de seus semelhantes. E aquele que quer preservar seu judaísmo ou seu cristianismo não deve ser convertido, deve pagar seu imposto atribuído a cada adulto, homem ou mulher, livre ou escravo” (SAND, 2011, p. 235).

E conclui o autor:



“Assim, não é surpreendente [que], diante das perseguições severas sofridas sob o império bizantino, os judeus acolheram os conquistadores árabes favoravelmente e até mesmo com entusiasmo. Os testemunhos judaicos tanto quanto as fontes muçulmanas mencionam a ajuda que os judeus deram ao exército árabe vitorioso” (SAND, 2011, p. 235).

Um sucinto exemplo entre muitos outros de como os árabes eram presença dominante na região Sudoeste da Ásia, na Palestina hoje controlada pelo Estado Sionista de Israel.

Com base em mitologias religiosas quase sempre originadas de escritos bíblicos, em fins do Século XIX intelectuais precursores do moderno sionismo inventaram uma origem judaica para a Palestina. A origem ideológica de uma Palestina judaica nasceu das estratégias retóricas dos sionistas como um povo expulso da sua “nação” pelo antigo Império Romano e que em 1948 consumava o seu destino manifesto como a terra natal dos judeus. Do Império Romano ao pós-Segunda-Guerra Mundial num átimo de segundo, os dois mil anos de história entre uma coisa e outra simplesmente desapareceram, séculos de história árabe muçulmana e de relações entre judeus e muçulmanos, como visto acima, ocorridas na região, simplesmente deixaram de existir sob a ótica sionista no poder em 1948.

Shlomo Sand destaca que foi na Posnânia (Polônia) que apareceu a obra de um historiador judeu de nome Heinrich Graetz, um marco fundamental para o moderno sentido que os judeus sionistas dão ao seu lugar no mundo, uma *História dos Judeus* em onze volumes publicados entre 1853-1875, de grande divulgação e repercussão. Sand diz que Graetz constatava que não se podia negar a existência de povos mortais que desapareceram da história, mas que *outros povos eram imortais*. “Nada permanecera da raça helênica nem da raça latina, pois estas se fundiram a outras entidades humanas”. Já a “raça judaica, ela sim, conseguiu perdurar e sobreviver e que naquela altura estava a ponto de avivar o fogo de sua juventude bíblica milagrosa”. Ressurgir depois do “exílio para a Babilônia e o retorno a Sião eram o sinal de que possuía o potencial latente de um novo renascimento”. Entendia Graetz, resume Sand, que “o povo judeu era um corpo orgânico dotado de propriedades extraordinárias que permitiam seu renascimento e que por isso se distinguia de um organismo biológico normal”. Nesse sentido apresenta-se uma conclusão óbvia: “a existência da raça judaica era excepcional desde o início, e consequentemente sua história era milagrosa”. Para Graetz os judeus seriam então um “povo-messias” que “chegado o dia, salvará a humanidade inteira”. (SAND, 2011, p. 107). A obra de Graetz foi bastante contestada entre os intelectuais alemães nacionalistas que defendiam que os judeus, como o resto dos súditos do império, protestantes e católicos, “eram alemães antes de serem judeus” e que “o projeto de futuro nacional e cultural determinante” era o “projeto alemão” (SAND, 2011, p. 112), um projeto assimilacionista, portanto.

Heinrich Graetz inaugurou com a sua obra a tese de que o judaísmo deixava de ser em meados do Século XIX, com as tendências nacionalistas em vigência, uma cultura religiosa rica e variada para se tornar a ideologia de um povo circunscrito, com fronteiras determinadas, como o *Volk* alemão ou o *Narod* polonês e russo (SAND, 2011, p. 330). Na conclusão de Shlomo Sand, o sionismo foi desde seus primórdios um movimento nacional etnocêntrico que delimitou perfeitamente o povo histórico concebido em seu imaginário e excluiu toda possibilidade de integração cívica voluntária às nações em que as comunidades judaicas poderiam estar envolvidas. Para o sionismo o fato do judeu se fazer em alemão e deixar o “povo” originário era considerado um “pecado” irreparável: “a ‘assimilação’ se tornou aos olhos do sionismo uma catástrofe, um perigo existencial que era preciso evitar a qualquer preço” (SAND, 2011, p. 331).

Vladimir Jabotinsky afirmava em 1904 que a identidade espiritual de um povo tinha que excluir qualquer forma de assimilacionismo cultural. Escreveu Jabotinsky: “Sob

o ponto de vista físico, é inconcebível que um judeu, nascido numa família de puro sangue judaico” pudesse se adaptar “à visão espiritual de um alemão ou de um francês”. E para reiterar a unidade da pureza racial, o grande chefe sionista, tal como os nazistas afirmou: “Se não houver casamentos mistos não pode haver qualquer assimilação”, e mais: “só a preservação da pureza racial garante a preservação da integridade nacional e para isso nós precisamos de um território próprio” (BERNARDO, 2003, p. 726-727). O Estado de Israel em 1948 com o governo “progressista” de Ben Gurion não apenas faria eco aos argumentos racistas de Jabotinsky como os adotaria como programa de governo.

Ben Gurion na condição de primeiro-ministro de Israel em 1948 para reiterar os mitos de fundação daquele Estado para o judaísmo mundial afirmou que

[...] “ao sair para a diáspora, nosso povo foi arrancado da terra sobre a qual a Bíblia germinou e foi tirado do âmbito da realidade política e espiritual na qual se desenvolveu [...]. No exílio, a imagem de nosso povo foi distorcida, deformada como a da Bíblia. Os pesquisadores bíblicos cristãos, em sua parcialidade cristã e antissemita, fizeram da Bíblia o caminho para o cristianismo, e os próprios comentadores judeus, tirados do ambiente bíblico e de seu clima espiritual e material, não podiam mais compreender o Livro dos Livros como ele o merecia. É apenas agora que, livres em nosso país, nós respiramos novamente o ar que envolvia a Bíblia. Parece-me que é chegado o tempo de apreender sua essência e sua confiabilidade, tanto no plano histórico e geográfico quanto no plano religioso e cultural” (SAND, 2011, p. 143).

Os ares bíblicos “originários” respirados pelos pulmões do célebre político obviamente que não poderiam ser divididos com os pulmões árabes-palestinos. E não eram apenas os ares bíblicos que purificavam as vidas dos que ocupavam a Palestina. João Bernardo (2003, p. 726) diz que o racismo sionista também se afirmou como programa de governo também na proibição dos casamentos inter-raciais, o recém fundado Estado de Israel adotou como lei fundamental um dos protocolos centrais da legislação nazista de 1935 que proibia na Alemanha o casamento de alemães com judeus. Israel proibia o casamento de judeus com palestinos ou com qualquer outro não-judeu e recusava como legítimos os filhos nascidos de casamentos realizados fora de Israel entre judeus e não-judeus.

### ISRAEL SIONISTA É O TRIUNFO DO NAZISMO!

Para concluir uma sucinta descrição factual para o entendimento dos problemas que atingem a população árabe-palestina desde a fundação de Israel ou uma sucinta descrição da *limpeza étnica em andamento*. No início do ano de 1948 os árabes-

palestinos constituíam mais de dois terços da população do país. Eram maioria em quinze dos dezesseis subdistritos e possuíam 90% da terra, no entanto, no final desse ano, mais da metade dos árabes palestinos foi expulsa da sua terra (MASALHA, 1992; CLEMESHA, 2009), “mais de 500 vilarejos palestinos desapareceram para sempre” (GELVIN, 2017, p. 169). Essa estratégia de ocupações seguia o *Plano Dalet* (Plano D), programa do governo de Ben Gurion colocado em prática em maio de 1948, o bem sucedido plano de limpeza étnica cuja sistematização levou em poucos meses aos horrores da Nakba (MASALHA, 1992, p. 127).

Israel usou as terras e casas palestinas confiscadas desses vilarejos destruídos, além das cidades parcialmente esvaziadas, para assentar novos imigrantes judeus. Vários desses vilarejos foram reconstruídos e receberam nomes hebraicos para apagar a história das origens não-judaicas daquelas terras. Nos primeiros quatro anos de existência Israel recebeu aproximadamente 700 mil imigrantes judeus (GELVIN, 2017, p. 200). E para atender esses imigrantes, de 1948 a 1953, a Agência Judaica estabeleceu 345 novas cidades judaicas, a maioria das quais foi construída em propriedades confiscadas. Até 1954, um terço da população judaica de Israel vivia em propriedades confiscadas de refugiados palestinos (PAPPE, 2008, p. 69-79; CLEMESHA, 2009). O chamado Gabinete da Propriedade *Abandonada* (impressionante o cinismo retórico dessas instituições) vendeu a maior parte desses bens nos anos imediatamente após 1948. Além dos cerca de 750 mil expulsos em 1948, nas últimas décadas, mais de 400 mil palestinos foram desenraizados dos territórios palestinos ocupados devido a políticas israelenses, incluindo a demolição de casas, construção de assentamentos e o direito de moradia, além da prática da deportação (CLEMESHHA, 2009). Com a ocupação e anexação ilegal de Jerusalém oriental pelo Estado de Israel em 1967, os habitantes palestinos que ali estavam “passaram da noite para o dia a terem o status de moradores temporários”. A limpeza étnica, diz a autora que aqui estamos citando, como parte da política de judaização da cidade, já atingiu mais de 60.000 palestinos em Jerusalém, forçados a buscar moradia em outras partes da Cisjordânia depois de terem suas casas confiscadas. Calcula-se que ao longo das últimas décadas já sejam cerca de 450.000 palestinos esmagados pelos *pogroms* sionistas.

Nos *Acordos de Oslo* (1993 e 1995) entre o governo de Israel com a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) sugeriu-se que um futuro Estado Palestino fosse oriundo dos territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, mas não foi isso o que aconteceu, muito ao contrário. Os palestinos viram-se em situação ainda mais

humilhante frente ao colonialismo interno dos sionistas, mais uma vez perderam tudo. A água na Cisjordânia, por exemplo, em mais de 80% é uso exclusivo dos judeus dos assentamentos nas terras ocupadas/roubadas da região. Conforme o acordo, a polícia de Israel sob seus critérios exclusivos estaria autorizada “a dar perseguição a qualquer palestino em qualquer lugar”. Já a polícia palestina, mesmo sendo obrigada a dar proteção aos assentamentos de colonos invasores das terras palestinas, em nenhuma hipótese poderia deter ou prender qualquer cidadão israelense na região (FINKELSTEIN, 2005, p. 285-287).

A guerra de Israel contra o Hamas e contra a população palestina de Gaza continua, o governo sionista de Benjamin Netanyahu, apesar de vez por outra enfrentar alguns protestos pelos excessos cometidos contra as populações palestinas, continuará a escalada do conflito para além de Gaza contra os Estados árabes vizinhos. Benjamin Netanyahu é a síntese permanente do sucesso do colonialismo nazista-sionista no Sudoeste Asiático. É certo que com a conclusão do colonialismo racista interno que fará desaparecer a Palestina Árabe, o projeto de limpeza étnica, de limpeza racial do sionismo seguirá adiante para além das fronteiras.



www.revistafenix.pro.br

#### REFERÊNCIAS

- BERNARDO, João. De perseguidos a perseguidores: a lição do sionismo. In: **Passa Palavra**, 02.06.2010. Disponível em: <https://passapalavra.info/2010/06/24723/> Acesso em 10 de dezembro de 2023.
- BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo**. Na encruzilhada da ordem e da revolta. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
- CLEMESHA, Arlene Elizabeth. Os últimos dos excluídos: os refugiados palestinos. In: **Revista Caros Amigos** (número especial). São Paulo: Casa Amarela, abril - maio de 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3167438&forceview=1> Acesso em 7 de novembro de 2023.
- FINKELSTEIN, Norman G. **Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- GELVIN, James L. **Israel X Palestina: 100 anos de guerra**. Tradução de Alexandre Sanches Camacho. São Paulo: EDIPRO, 2017.
- KAFKA, Franz. **Um artista da fome e A construção**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MASALHA, Nur. **Expulsion of the palestinians**. Whashington, D.C.: Institute for Palestine Studies, 1992.

PAPPE, Ilan. **Dez mitos sobre Israel**. Tradução de Bruno Cobalchini Mattos. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2022 (Ebook).

PAPPE, Ilan. **La limpieza étnica de Palestina**. Barcelona: Crítica, 2008.

PAPPE, Ilan. **História da Palestina moderna**. Uma terra, dois povos. Tradução de Ana Saldanha. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

RIBEIRO, Janaina. Economia palestina definhando: projeção já era sombria antes de nova guerra. In: **Boletim Invest News**, 25 de outubro de 2023. Disponível em: [https://investnews.com.br/economia/economia-palestina-definhando-projecao-ja-era-sombria-antes-de-nova-guerra/?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=palestina&utm\\_content=na\\_news\\_email\\_veja&utm\\_term=dg\\_invnews\\_na\\_all\\_25102023](https://investnews.com.br/economia/economia-palestina-definhando-projecao-ja-era-sombria-antes-de-nova-guerra/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=palestina&utm_content=na_news_email_veja&utm_term=dg_invnews_na_all_25102023) Acesso em 29 de outubro de 2023.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Tradução de Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011 (Ebook).



www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 23/01/2024  
Parecer dado em: 12/03/2024